



Memórias fotográficas: a fotografia e fragmentos da história de Londrina,
de Paulo César Boni, Rosana Reineri Unfried e Omeletino Benatto.
Londrina: Midiograf, 2013, 222p.

Memórias fotográficas: a fotografia e fragmentos da história de Londrina

Photographic memories: the picture and fragments of the history of Londrina

Gisele Krodel Rech*

É na página dedicada ao Cine Teatro Ouro Verde, o emblemático prédio acolhedor da cultura londrinense, destruído em um incêndio no início de 2012, que se sintetiza o propósito dos pesquisadores Paulo César Boni e Rosana Reineri Unfried, que, com a colaboração do pioneiro Omeletino Benatto, escreveram *Memórias fotográficas: a fotografia e fragmentos da história de Londrina*. Segundo os autores, “prédios são derrubados, monumentos são destruídos, pessoas morrem, mas as fotografias ficam e preservam a memória para a eternidade”. (BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013, p.187).

Graças à profusão de imagens fotográficas, algumas pertencentes ao acervo familiar do senhor Benatto, outras digitalizadas no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, a obra ganha corpo e se fortalece como importante fonte da memória e de consulta sobre a história da cidade, que surgiu com o projeto de colonização da Companhia de Terras Norte do Paraná, no início dos anos 30.

O livro traz 80 fotografias da época dos pioneiros. Foi a partir dessas fotografias que a narrativa foi construída, de maneira fluída e sem floreios, para atingir seus três públicos-alvo: os pioneiros (e as pessoas de mais idade), as crianças e adolescentes nas escolas, e os estudiosos da história de Londrina e do norte do Paraná. Vale ressaltar que um dos objetivos do projeto era disponibilizar exemplares para todas as bibliotecas de escolas públicas (municipais e estaduais) e privadas, com ensino de todos os níveis, do básico ao superior.

* Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Professora temporária do Departamento de Comunicação da UEL. E-mail: krodelrech@gmail.com

A gênese do projeto se deu ainda em 2009, quando a mestrandia Maria Luisa Hoffmann iniciou um trabalho de pesquisa que resultou na dissertação *Guardião de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina*. De acordo com Boni, “o objetivo da dissertação era mostrar como a fotografia havia se constituído em uma importante ferramenta para criar o clima de ‘pertencimento’ de um pioneiro à cidade de Londrina”. Finalizado o trabalho de mestrado, restou a sensação de que o encerramento do tema em uma dissertação poderia deixar o importante acervo longe da vista do público. Foi desta constatação, pois, que surgiu a ideia do livro, concebido como parte de um projeto de pesquisa coordenado pelo professor Paulo César Boni e do projeto de iniciação científica desenvolvido pela estudante Rosana Reineri Unfried, ambos ligados ao Departamento de Comunicação do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina.

Ao longo de dois anos foi desenvolvido um trabalho que envolveu a seleção de fotografias – muitas delas pertencentes ao acervo do museu –, o exercício da “memória fotográfica” do senhor Omeletino Benatto e o empenho laborioso na obtenção e checagem das informações acerca de cada uma das fotografias, na tentativa de evitar qualquer lapso que comprometesse a qualidade do trabalho e a veracidade das informações históricas de Londrina. Vale destacar que muitas das fotografias presentes no livro foram tomadas pelo fotógrafo José Juliani e fazem parte do *Álbum Londrina – 1941*.

Depois, foi a vez de transpor para o papel as informações coletadas, criando um método de organização que torna-se uma viagem pela memória, ao mesmo tempo cronológica e temática, por meio da reunião das imagens, organizadas por categorias, que renderam oito capítulos. Nesse processo, vale a observação dos autores: algumas fotografias poderiam ser enquadradas em mais de uma categoria. O exercício mais gratificante para o leitor é relacionar os locais fotografados no passado ao mapa atual da cidade e ter a grata surpresa de constatar que, apesar de poucos, alguns prédios ainda sobrevivem ao tempo.

Residências

No capítulo de abertura é possível conhecer, por meio das fotografias, um pouco da arquitetura e do estilo de vida de pioneiros como o médico alemão Kurt Peter Müller, que teria fugido de Londrina após cometer um crime passionai. A casa de madeira do doutor Müller, cercada de mata nativa, ficava onde hoje está agitada Praça Willie Davids, no coração de Londrina. À frente da residência, no alpendre, a presença do médico e de sua esposa. O carro estacionado auxilia a atestar o ano em que a fotografia foi tomada – aliás, os automóveis e suas características também foram usados como referência de cada época pelos autores. Outra pista bem característica da época é a presença de pessoas, sempre bem arrumadas, nas fotografias. Afinal, naquele tempo, a tomada de uma imagem era verdadeiro acontecimento.

Por meio de outra construção é possível saber um pouco mais da história de Hikoma Udihara, considerado o primeiro cinegrafista da cidade. A arquitetura com estilo árabe, que dá pistas da origem libanesa de David Dequêch, e o imponente casarão de dois andares, que aparece em uma fotografia tomada em 1948, que pertenceu a Theodoro Victorelli, podem causar no leitor uma sensação de *déjà vu*. Não é à toa: o casarão dos Victorelli ainda existe, na Rua Fernando de Noronha, em frente ao SESC.

Estabelecimentos comerciais e serviços

Como não poderia deixar de ser, à época da chegada dos pioneiros, um bom número de hotéis foi sendo construído à medida em que a cidade crescia. A fotografia do Hotel Campestre, primeiro da região, abre o capítulo, que traz ainda o registro fotográfico dos primeiros estabelecimentos comerciais, como padarias, farmácias, drogarias e os chamados secos e molhados – onde era possível adquirir toda a sorte de alimentos, bebidas, roupas e ferramentas. Chama a atenção a passagem

que traz a fotografia da Alfaiataria Luppi, mostrando a força de trabalho, inclusive de crianças e adolescentes. “Os pais pediam para que estabelecimentos industriais, comerciais e de prestação de serviços aceitassem seus filhos como aprendizes, sem remuneração.” (BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013, p.58). Outro fato curioso ligado à fotografia, que traz à tona memórias daquela época, é a aquisição de ternos por meio de consórcio, já que conforme os autores, os produtos eram caros ante o poder aquisitivo da maior parte da população londrinense.

Ainda neste capítulo, é possível conhecer a origem das atividades comerciais do senhor Antônio Colli Filho, dono da Padaria Esmeralda, que, posteriormente, abriu o Bar Selete, até hoje em atividade vendendo a tradicional vitamina com pastel, na esquina das ruas Mato Grosso e Sergipe. Outro local ligado à gastronomia ainda em atividade – e com grande vigor – é o Mercado Shangri-lá, que se constituiu como tal no final dos anos 60. Na fotografia, é curioso verificar o grande vazio em seu redor, hoje tomado por uma praça, prédios, residências e estabelecimentos comerciais e de serviços. As frondosas árvores que hoje circundam a área não passavam de meras “mudas”, quando da tomada fotográfica.

Estabelecimentos industriais e serviços automotivos

Neste capítulo, além do destaque especial aos serviços ligados aos carros, que atendiam a crescente demanda dos moradores, chama a atenção a fotografia da fachada da fábrica de guaraná Sublime, acompanhada por um texto carregado de nostalgia. “Claro que fotografias não têm sabores, nem cheiros, nem sons. Mas é praticamente impossível para quem tem mais de 50 anos olhar para a fábrica de guaraná desta fotografia e não lembrar dos bons tempos de infância.” (BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013, p.97).

Serviços essenciais da esfera pública

O primeiro cemitério – o São Pedro –, os hospitais precursores e uma breve história da aviação em Londrina são a essência deste capítulo, que apresenta a origem do primeiro aeroporto, localizado na região da Gleba Palhano, no local hoje conhecido como Aviação Velha – este sem registro fotográfico. A fotografia que consta no livro, de autor desconhecido, é do segundo e atual aeroporto, inaugurado em abril de 1956, e nos dá uma ideia do vasto espaço para ampliação em seu entorno – a terra de chão batido remete ao passado, quando o asfalto ainda era apenas uma projeção.

Infraestrutura e escolas

A atenção que é dada ao antigo Fórum de Londrina, com uma fotografia pontuada por um homem em uma charrete à sua frente, está diretamente ligada à imponência da construção e à vocação que o prédio adquiriu quando a sede do judiciário foi transferida para o Centro Cívico, na década de 70. Situado no centro da cidade, o prédio dos anos 50 acabou recebendo a Biblioteca Pública Municipal, que mantém toda a suntuosidade retratada na fotografia da época – é a memória do prédio contada pela imagem.

Logradouros e praças públicas

Por meio das fotografias, neste capítulo é possível visualizar como eram as principais avenidas da cidade no passado. Há o “mar de lama” que se formava em dias de chuva na Avenida Paraná. “Os tombos eram motivos de riso. Em alguns trechos, era difícil ficar em pé em meio à tanta

lama.” (BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013 p.150). A Avenida Higienópolis, hoje repleta de prédios de muitos andares, tem seu fragmento de memória na fotografia retirada do *Álbum Londrina – 1941* e mostra um caminho de terra batida, com algumas casas e árvores ao redor. “O traçado original da Avenida Higienópolis foi definido por Mr. Arthur Thomas, diretor presidente da CNTP, e inspirado no aristocrático bairro paulistano de Higienópolis.” (BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013, p.151). Igrejas e praças também têm espaço neste capítulo, que conta um pouco mais da história da cidade por meio da fotografia.

Marcos e eventos importantes de Londrina

Na compilação final de fotografias que marcaram época, os autores reuniram registros de eventos como a primeira missa campal, realizada no início dos anos 30, o futebol pioneiro, uma fotografia da própria Companhia de Terras Norte do Paraná, responsável pela vinda dos pioneiros, e manifestações populares.

O ponto alto, no entanto, são referências históricas cercadas de grande identificação com o povo de Londrina, como o Marco Zero, a Concha Acústica e o Lago Igapó. Na fotografia tomada por Yutaka Yasunaka, em 1968, que destaca o Cine Ouro Verde, é possível ver a fachada original do prédio projetado pelo curitibano João Batista Vilanova Artigas, também responsável pelo edifício Autolon, cujo prédio em obras é outra das fotografias deste capítulo.

Juliani e Benatto

O livro termina com uma homenagem a dois homens fundamentais para própria existência do livro: o fotógrafo José Juliani, autor da maior parte das fotografias do acervo; e o pioneiro Omeletino Benatto. O

fotógrafo e documentador ganha referências em especial ao seu importantíssimo papel no registro fotográfico de Londrina. Já o senhor Omeletino, um dos autores, dá o tom memorialista à obra. Mais do que uma compilação de fotografias acompanhadas por textos, o livro convida o leitor a uma viagem pelas “memórias fotográficas” de uma testemunha ocular de uma época que se foi, em um exercício de generosidade de quem compartilha conhecimentos e contribui, desta feita, para a preservação da história de Londrina. “Acredito que o que estou passando adiante hoje permanecerá quando eu for embora”, diz o pioneiro. Agora, com tudo devidamente registrado no livro *Memórias fotográficas: a fotografia e fragmentos da história de Londrina*, esta crença se traduz em certeza.